

# Entrevista com Bernardo Boris Vargaftig\*

Concedida a Valteir Vaz e  
Aurora F. Bernardini\*\*

**RESUMO:** Esta entrevista foi realizada com o professor e cientista Bernardo Boris Vargaftig por ocasião do lançamento de sua tradução para o português de *Minha vida*, versão francesa da autobiografia de Leon Trótski, que culminou com as comemorações do centenário da Revolução Russa de 1917.

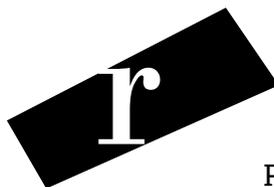
Boris Vargaftig nasceu na Argentina em 1937, mas passou a maior parte de sua vida no Brasil, onde se formou em medicina pela USP, em 1963. Na época, militante trotskista, chegou a ser preso, mas foi libertado 52 dias depois. Convidado pelo professor Oswaldo Vital Brasil para participar da fundação do Departamento de Farmacologia da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, por razões políticas, sua nomeação não se concretizou. Diante da perseguição política, que certamente comprometeria sua atuação profissional, foi morar na França, onde trabalhou nos renomados Instituto Pasteur e Centro Internacional de Pesquisa Merrell, desenvolvendo pesquisas no ramo da farmacologia que o colocaram às portas do Prêmio Nobel de Medicina de 1982.

**ABSTRACT:** This interview was accomplished with professor and scientist Bernardo Boris Vargaftig in occasion of the publication of his translation into Portuguese of *Ma Vie*, French version of Leon Trotsky's autobiography, which culminated with the celebrations of the centenary of 1917 Russian Revolution.

Boris Vargaftig was born in Argentina in 1937, but spent most of his life in Brazil, where he graduated in medicine at USP in 1963. At the time, a Trotskyist militant, professor Vargaftig was arrested by military police, but was released 52 days later. Invited by Professor Oswaldo Vital Brazil to participate in the founding of the Department of Pharmacology of the Faculty of Medical Sciences of UNICAMP, for political reasons, this appointment did not materialize. In face of political persecutions, which would certainly affect his professional career, he moved to France where he worked at the Pasteur Institute and Merrell International Research Center, developing researches in the field of Pharmacology that put him on the verge of 1982 Nobel Prize for Medicine.

**Palavras-chave:** Trótski; autobiografia; *Minha Vida*; tradução.

**Keywords:** Trotsky; autobiography; *Minha Vida*; translation.



\* Há duas boas sínteses recentes da vida e obra de Bernardo Boris Vargaftig: uma publicada sob o título de “Cientista premiado da USP é autor de estudo que precedeu Nobel”, que saiu na edição de 15/08/2017 do *Jornal da USP*, e a outra na edição de 30/09/2017, no caderno *Ciência*, da *Folha de São Paulo*.

\*\* Universidade de São Paulo.

Professor, poderíamos começar essa conversa sobre Leon Trótski falando de seu interesse pelas ideias do líder soviético? Como se deu essa aproximação?

**VARGAFTIG:** Em 1953-4 eu tinha 16 anos e cursava o colegial em São Paulo. Aproximei-me, por afinidade intelectual, de colegas que se interessavam por leitura e cultura, notadamente de problemas sociais. O grupo – nada havia de organizado, consciente ou inconscientemente – era animado por um futuro jurista e por um colega que possuía relações familiares com membros do PC. Naquele momento, as mesmas forças que fizeram 1964 e procuram hoje um retorno ultraconservador, estavam em ação contra um personagem que após os fatos se convencionou considerar como representante da burguesia nacional; era Getúlio Vargas, em seu segundo período. Uma aliança entre Carlos Lacerda, jornalista fascista, militares e políticos conservadores (UDN, PSD) procurava derrubar Getúlio, com argumentos idênticos àqueles que seus congêneres e descendentes utilizam hoje, ou seja a corrupção e através da mobilização das mesmas camadas sociais, especialmente em SP e RJ. Uma conspiração estava em curso; o PC, subserviente à política soviética, combinava seu anti-getulismo provindo da repressão do Estado Novo com erros estratégicos enormes. Até 22-23 de Agosto atacava Getúlio como agente do imperialismo norte-americano. Em 24 de Agosto, pressionado de todos os lados pelos golpistas, Getúlio se suicida e um povo enorme varre as ruas, ao som do “Queremos Getúlio”, “Bota o retrato do velho, bota no mesmo lugar”. O PC muda de política da noite para o dia, passa a defender o “governo nacionalista”. Com o sui-

cídio e a intervenção das massas populares, notadamente da classe operária, a reação se desarma, o golpe aborta e Getúlio deixa uma carta-testamento nacionalista.

Dois grandes acontecimentos políticos marcaram este momento para mim: o Congresso do PCB, cujas resoluções li na revista “Problemas” (que não trazia problemas, mas soluções) e sobretudo, em 1956, o XX Congresso do PC Soviético, quando Krutchev lê seu célebre relatório “secreto”, cuja existência Diógenes Arruda, secretário de organização do PC, então na Europa, nega, para confirmá-lo mais tarde. Confusão danada, o ídolo cai e abre-se uma fase de negação parcial do mito stalinista, mas não de sua política e muito menos da estrutura burocrática que ele representava. Ficava claro, para quem se desse ao trabalho de refletir, que a supressão do culto não liquidaria forçosamente a ideologia ou a prática política, que eram determinadas pelos interesses da burocracia que havia tomado o poder na URSS a partir de 1924-1927 e somente desapareceriam com mudanças mais profundas – que não vieram como pensávamos, com a liquidação da burocracia pela esquerda. Como Trótski temia, o desaparecimento da burocracia enquanto camada social parasitaria se deu através de sua transformação “selvagem”, a tapas, em burguesia, em detentores dos meios de produção.

A política do PCB era absurda, passava de um compromisso eleitoral a outro – como candidaturas à prefeitura de São Paulo de um André Nunes Jr., que de progressista nada tinha, ou ao governo do Estado do general nacionalista Leonidas Cardoso, pai de Fernando Henrique Cardoso, que já fingia ser de esquerda. Recordo-me dele em situação caricatural: estava eu numa banquinha de distribuição de cédulas eleitorais para a governança do Estado de SP pelo seu papai, perturbado por um carro do DOPS que passava ameaçadoramente nos arredores. Subitamente, surge outro carro, de onde desce uma figura que chamava a atenção: jovem de tipo classe média alta, bem vestido. Ele me entrega cédulas, retorna ao carro e se vai... Até este dia eu havia frequentado, como jovem ativista, dirigentes pro-

letarizados, raramente arrogantes e a visão do jovem Fernando como burocrata grã-fino persistiu por muito tempo!

Os erros e as manobras oportunistas do PC foram-me aparecendo claramente. Tive então um contato amistoso com um dos poucos trotskistas ativos naquele momento (os “descendentes” de Mario Pedrosa, Lívio Xavier e Edmundo Muniz, intelectuais que marcaram seu tempo e que hoje interessam muito). Sua visão era bem mais clara e determinada que a do PC; comecei a ler os livros de Trótski, notadamente a tradução por Lívio Xavier de “Minha Vida”, que eu viria a traduzir em 2015-2017. Lembro-me do espanto e da indignação de um dirigente do PC no Bom Retiro quando viu-me ler este livro de um então considerado “agente do imperialismo”, “nazi-nipo-trotskista” etc.

A aproximação com o Trótskismo levou-me à adesão e em trabalho para organizar uma oposição de esquerda no PC. Este passava por crise muito séria desencadeada pelos acontecimentos que seguiram o XX Congresso do PC da União Soviética (PCUS), ruptura dos chineses e estabelecimento de uma tendência (o futuro PC do B) por eles apoiada. Uma tendência de direita capitaneada pelo veterano de 1935, Agildo Barata, surgiu no PC e se exprimia no semanário “O Nacional”. Dela participavam dirigentes sindicais honrados e simpatizantes à sua direita, como o impagável FHC.

Com um pequeno grupo de estudantes e sob a influência do Trótskismo e de um jornal de intelectuais franceses de esquerda (o semanário *Nouvel Observateur*, distante predecessor do *L’Obs* jornaleco de pequeno interesse publicado ainda hoje), editamos durante meses um jornal de oposição de esquerda, mimeografado e distribuído nos meios oposicionistas de esquerda.

Passou o tempo e já na Faculdade de Medicina ingressei formalmente na organização trotskista que me parecia adequada. Com o golpe de 1964, estabeleci-me na França, onde trabalhei como farmacologista, primeiro em estabelecimentos industriais privados e em seguida, por quase 25, no Instituto Pasteur. O que se seguiu é outra história.

**r** O senhor poderia traçar um panorama amplo dos principais acontecimentos que marcaram a vida de Trótski, como: sua formação intelectual, sua relação com Lenin, sua contribuição enquanto idealizador das Revoluções Russas de 1905 e 1917?

**VARGAFTIG:** A vida de Trótski é um romance político. Leiam seus livros, como *Minha Vida*<sup>1</sup>, sua autobiografia que traduzi para a Usina Editorial. Filho de camponeses judeus, burguesia média da Ucrânia, cedo entrou em política, não como marxista, mas associado a grupos de revolucionários próximos do mundo rural e que pregavam, de uma ou outra forma, a violência individual contra a monarquia e o semi-feudalismo. Um destes membros era irmão de Lenin e foi morto por ter cometido um atentado contra o Tsar arquireacionário Alexandre III (aquele que “presenteou” à França a ponte dourada do mesmo nome). Trótski aproximou-se dos marxistas e do então Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR, fundado em 1897, apenas vinte anos antes da tomada do poder pela sua ala mais lúcida, a dos bolcheviques). O POSDR reunia naquela época poucas centenas de membros, dentre eles destacados pensadores, como Plekhanov, que mais tarde aderiria à corrente dita menchevique, social-democrata à direita dos bolcheviques dirigidos por Lenin (explicarei em mais detalhes a relevância histórica destas correntes). Preso em 1898, Trótski estudou o que podia na biblioteca da prisão, como história das religiões, o Antigo e Novo Testamento, a história do diabo. Eu ignorava isto quando, ainda bem jovem, interessei-me por algo que persiste até hoje, a história das religiões de um ponto de vista materialista, guiado pela vontade de entender porque aquilo que via e vejo como um conjunto de lendas originou o bloco ideológico clerical cristão, sustentáculo e aproveitador de todos regimes de propriedade privada existentes até hoje.

---

1 (TROTSKI, Leon. *Minha vida*. Trad. Bernardo Boris Vargaftig, com cotejo do original russo por Henrique Canary. São Paulo: Usina Editorial, 2017.)

Na prisão, Trótski também estudou o marxismo e elaborou cadernos hoje perdidos. Um destes foi-lhe entregue já em Paris pelos seus pais, que o haviam recebido de sua primeira companheira Alexandra Lvovna, que o estimulara a fugir da Sibéria num lance cinematográfico. Era ela mãe de suas duas filhinhas, ambas mortas nos anos 1930, no ápice do stalinismo. Trótski leu Labriola, Marx e Engels é claro, Plekhanov e Mehring (futuro biógrafo de Marx). Apresentou-se a Lenin em 1902, aos 23 anos, em Londres onde começou a participar da redação de Iskra (A Faísca). Estas aventuras e outras são relatadas em Minha Vida.

É importante ressaltar a relação de Trótski com Lenin e o papel de ambos nas revoluções de 1905, fevereiro e outubro 1917. Havia admiração mútua entre ambos, Lenin o propulsou e apoiou na redação de Iskra. Trótski não aderiu aos bolcheviques quando da cisão, não teve naquele momento a visão de Lenin. Pretendeu até bem tarde reunir bolcheviques e mencheviques, do que se arrependeu mais tarde. Continuou no exílio até 1905, quando os trovões da revolução de 1905 levaram-no, como muitos outros, de volta à Rússia. Presidiu o Soviet (comitê operário) da São Petersburgo.

Como diz Paulo Leminski no luminoso ensaio sobre Trótski que publicou, o pensamento de Lenin era mais imediatista, aplicado às situações concretas, como no célebre livro Que fazer? (1902) um monumento à estratégia política. Trótski era mais sofisticado, mais hesitante talvez, mas seus interesses e sua visão mais amplos e variados. Leminski chama a atenção para seu livro Literatura e revolução, onde manifesta um interesse cultural excepcional e uma cultura literária sem paralelo (Jorge Zahar Editor Ltda, 2007 e tradução e prefácio de Luiz Alberto Moniz Bandeira, falecido em 2017).

Vocês indagam como e porque Lenin e Trótski se aproximaram. De fato, embora agrupados na mesmo campo, divergiam em vários aspectos, Lenin era bolchevique e Trótski, mais próximo dos mencheviques em muitas questões. Manteve durante algum tempo a ilusão de uma reuni-

ficação que não podia ocorrer; Lenin não mantinha ilusão alguma a respeito. Não conheço, mas posso me enganar, textos políticos de Trótski em que ele se manifestaria contra Lenin mas os há de Lenin com reservas sobre posições imediatas de Trótski, sua fidelidade ao campo revolucionário marxista nunca tendo sido negada por Lenin.

Aproximaram-se em uma quase fusão intelectual em 1917, quando ambos retornaram por caminhos separados de um prolongado exílio, após a revolução de fevereiro 1917, o “ensaio geral da revolução de Outubro”. Ao chegar, Lenin divulgou suas “Teses de Abril” em que, contra a maioria da direção bolcheviques que se alinhava com os mencheviques na questão do poder, propugnava a passagem imediata à revolução socialista. Os mencheviques, como social-democratas que eram, esperavam cristalizar um longo período de medidas anti-feudais que liberassem forças produtivas e criassem um proletariado educado e politizado que então pediria permissão à burguesia educada para instalar o socialismo... (isto se chama reformismo, bem visível e risível hoje em dia). Isto era exatamente o que defendia Trótski, no que veio a se denominar “teoria da revolução permanente”. “Permanente” não quer dizer “contínua”, mas que as tarefas anti-feudais eventualmente ainda a serem feitas (quebras de privilégios que se opõe ao mercado, por exemplo) precederiam de muitos anos a revolução socialista.

### Algumas palavras sobre o refúgio de Trótski nos Estados Unidos.

**VARGAFTIG:** Os trotskistas americanos solicitaram por uma ocasião seu refúgio nos Estados Unidos, o que lhe foi negado. Em 1917, estive em New York durante 2 ou 3 meses, expulso da Espanha após ser lá preso por denúncia de um comissário da polícia francesa (aliás reencontrou o

mesmo, desta vez preso pelos soviéticos, logo após a revolução de Outubro. Papéis invertidos, a história divertida é relatada em Minha Vida. Saiu dos Estados Unidos ao tomar conhecimento da revolução de fevereiro, tendo permanecido retido por algum tempo no Canadá a pedido das autoridades russas “republicanas” que, embora tivessem sido obrigadas a anistiar os exilados, retardavam o quanto possível seu retorno, pois o teórico da revolução permanente não era exatamente um aliado...

**r** Os trotskistas brasileiros são herdeiros da divisão no movimento após a 2ª guerra mundial?

**VARGAFTIG:** Os marxistas levam muito a sério a análise política e os conceitos que dela derivam, pois sua política é determinada pelas conclusões e mais tarde pelas verificações e correções sempre necessárias. A política é uma ciência mediantemente determinista. Isto significa que embora causas idênticas levem em geral a consequências parecidas, esta não é uma regra absoluta. Outras coisas são os princípios gerais, como o fato da história da humanidade ser, em última instância, a história da luta de classes – grifemos em última instância. A consequência é que as políticas decididas coletivamente não se baseiam em escolhas personalistas e na subordinação das decisões políticas a considerações muito mais importantes, o desenvolvimento das lutas e da consciência socialista. Uma consequência destes conceitos é que divergências podem aparecer e são certamente salutares, podendo em geral ser resolvidas dentro da organização. Acontece, entretanto, que nos momentos de crise regressiva mas eventualmente de avanço também, as divergências podem alcançar níveis de princípio e conduzirem a rupturas. Uma destas rupturas, ainda em vida de Trótski, foi causada pelo enorme peso da degeneração burocrática da revolução soviética, que levou uma fração do trotskismo americano a concluir que o Es-

tado soviético não era mais um Estado operário degenerado, mas manteria um regime ditatorial de capitalismo de Estado. A diferença não é unicamente semântica, pois a revolução que libertaria a então União Soviética da burocracia consistiria numa revolução política, sendo mantido o regime de propriedade coletiva dos meios de produção, pois que já estabelecido. Já num país capitalista em que dominam relações capitalistas de produção, a revolução é social, combina medidas de estatização dos meios de produção com a eliminação da burguesia como classe (não confundir com liquidação física, como acusam os teóricos reacionários). De certa maneira e sem grandes nuances, diríamos que a revolução política que Trótski propugnava para a URSS poderia ser mais ou menos violenta, dependeria da força social, política e militar da burocracia e da classe trabalhadora – mas não tocaria no regime de propriedade senão em detalhes e ao longo do tempo.

Esta longa explicação é para entender que as divergências que surgiram no trotskismo americano, muitos negando o caráter de Estado operário, embora degenerado, da URSS, eram de princípio, afetavam profundamente a compreensão do desenvolvimento dos Estados operários, degenerados ou não.

Os trotskistas brasileiros hoje consideram que a URSS e os países que controlava perderam qualquer caráter operário, degenerado ou não, tornando-se capitalista. A fase dita de capitalismo de Estado, tal como formulada pelos trotskistas e ex-trotskistas americanos, não desempenha papel algum nesta transformação. A burocracia soviética transformou-se “diretamente” em detentora dos meios de produção, portanto em capitalista. Não é aqui que analisaremos os casos de Cuba, da China, do Vietnã e da curiosa Coreia do Norte.

**r** Quando da fundação do Partido dos Trabalhadores havia um florescimento do trotskismo no Brasil. Por que razão, tempos depois, algumas das tendências que representavam essa ideologia saíram do PT?

**VARGAFTIG:** O PT nunca foi nem pretendeu ser marxista. Indagado se era comunista, Lula respondia que era metalúrgico... Os trotskistas consideravam que o PT representava um grande avanço na consciência e na organização dos trabalhadores brasileiros mas não que era o condutor da revolução socialista. Em outros termos, sua presença no PT (falo da tendência Convergência) era conjuntural, tática, e não visava uma missão prolongada envolvendo amplas transformações sociais de caráter revolucionário, que diz respeito à estratégia. Diante do crescimento do movimento de oposição de esquerda no PT, a direção lulista expulsou a tendência Convergência. Não havia outro jeito senão sair.

**r** PSOL e PSTU se autodenominam trotskistas. Como o pensamento de Trótski reverbera no interior desses dois partidos?

**VARGAFTIG:** Compreendo a pergunta, apesar de não gostar muito do termo “reverbera”, pois dá a entender – assim o percebo – que este pensamento vem de fora. Agora, cuidado, o PSOL pode ter trotskistas em seu seio, sua estrutura o autoriza. Além da tendência “Movimento por uma Alternativa Independente e Socialista (MAIS), há tendências e pessoas respeitáveis dentro do PSOL que se auto-denominam trotskistas, mas o Partido não é e nem se proclama trotskista.

Para nós, o trotskismo é o marxismo desta época histórica, aberto às grandes transformações que fazem deste século algo de diferente quando comparado ao precedente

– sem que isto altere a análise de seu regime de propriedade e de sua estrutura de classes. O chamado trotskismo traz ao marxismo a explicitação de dois conceitos essenciais: as teorias do desenvolvimento desigual e combinado e a teoria da revolução permanente. Referi-me acima a esta última, que associa intimamente as tarefas ditas burguesas (mais aplicáveis aos países ditos do terceiro mundo) e as tarefas socialistas. O desenvolvimento desigual e combinado é a explicação mais profunda do desenvolvimento combinado do mundo globalizado, ainda mais hoje do que na época de Trótski. Exagerando um pouco, reconhecemos que um leve movimento da asa de uma borboleta na China pode desencadear um terremoto no Equador. Em outros termos, não existe autarquia econômica e social e assim a teoria e a prática do dito “socialismo em um só país”, base do stalinismo que deu no que sabemos, são falsos, não somente porque provem do desvio burocrático do marxismo, mas mesmo se sua origem fosse “pura”, sustentada por teóricos descompromissados com a burocracia, seria errada, como o mostram os exemplos de todas revoluções no mundo, a começar pela soviética, mas se estendendo à transformação capitalista da China, por exemplo.

Eis aí como a adesão às teorias do desenvolvimento desigual e combinado e da revolução permanente determinam a política do dia-a-dia dos partidos ditos trotskistas.

**r** Em 2015, em um programa da TV Cultura, por ocasião dos 75 anos da morte de Trótski, seu neto, Esteban Volkov Bronstein, afirma que as ideias de seu avô seguem muitos atuais. O senhor concorda com essa afirmação?

**VARGAFTIG:** Concordo, como indico na resposta anterior.

**r** Conceitos como “Revolução Permanente” e “Lei do desenvolvimento desigual e combinado”, formulados por Trótski, ainda apresentam validade na análise de conjunturas sociais?

**VARGAFTIG:** Estou de acordo, como indico acima.

**r** Que outros conceitos de Trótski apresentam a mesma proficuidade que o da revolução permanente?

**VARGAFTIG:** Muita coisa. Quero destacar algo que me impressiona muito: a teoria da revolução permanente permite entender muito bem um momento histórico importante da história da Alemanha após a 1ª guerra mundial, a chamada república de Weimar. Este entendimento ajuda a formular, por razões que não há espaço aqui para explicar, a própria situação brasileira. Note que não se trata de fazer analogias superficiais, como comparar Lula com Ebert (social-democrata que participou da repressão anti-operária nos anos 1918-1923 na Alemanha), mas que dá vontade, dá.

**r** Em uma passagem de Depois da Teoria, o britânico Terry Eagleton escreveu: “Mas uma coisa é fazer uma revolução, outra é sustentá-la. Na verdade, para o mais eminente líder revolucionário do século XX, o que deu vida a algumas revoluções foi também o que, em última instância, as levou ao fracasso. Vladimir Lenin acreditava que o próprio atraso da Rússia czarista era o que havia ajudado a tornar possível a revolução bolchevista. A Rússia era uma nação pobre de instituições cívicas que garantissem a lealdade dos cidadãos para com o Estado e, assim, ajudassem a evitar a insurreição política. Seu poder era centralizado, ao invés de difuso; coerciti-

vo, ao invés de consensual. Estava concentrado na máquina do Estado, de modo que derrubá-lo era o mesmo que se aposar, de um só golpe, da soberania. Mas foram essa pobreza e esse atraso que contribuíram para pôr em perigo a revolução, uma vez feita. Não se podia construir o socialismo num ermo econômico, cercado por poderes mais fortes e politicamente hostis, em meio a uma massa de trabalhadores e camponeses sem capacitação e analfabetos, carentes de tradições de organizações sociais e autogoverno democrático. A tentativa de fazer isso requereu as medidas de força do stalinismo, que acabaram por subverter precisamente o socialismo que se estava tentando construir.”<sup>2</sup> O senhor está de acordo com essa síntese, que, aliás, não chega a mencionar a contribuição de Trótski nesse contexto revolucionário? O desfecho das revoluções de 1917 rumo à catastrófica gestão stalinista tem mesmo tal relação com esse “atraso russo”?

**VARGAFTIG:** Li Eagleton mas não tenho competência (nem espaço) para analisá-lo. Quanto à segunda pergunta, porque Trótski não é citado? Porque é corrosivo, explica muito mais do que a maior parte dos marxistas acadêmicos. Menos do que no passado, quando citá-lo era aos olhos do stalinismo um verdadeiro crime – e muita gente morreu por isto – mas persiste seu caráter herético. Veja bem: Hobsbawn não cita Trótski nem quando fala de situações em que a opinião de Trótski era marcante, perceptiva, aguda ou quando dá uma explicação parecida, quando não idêntica, à de Trótski; idem para Lukács, para o conjunto do marxismo dito ocidental. Zizek se refere um pouco mais, porém no meio de tanta coisa que o assunto fica meio escondido. No caso francês e italiano, tratava-se até há pouco de pressão direta dos aparatos stalinistas, dominantes no movimento operário destes países. Hoje a situação se amenizou, os trotskistas em geral – com exceções vergonhosas – não são mais tratados de assassinos, agentes do imperialismo etc. Um caso “divertido” é o do escritor

---

<sup>2</sup> EAGLETON, Terry. *Depois da teoria*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, pp. 21-22.

italiano Domenico Losurdo, que esteve há pouco no Brasil para participar de um importante seminário na USP sobre o centésimo aniversário da revolução de outubro. Participou de uma mesa redonda em companhia do organizador desta manifestação, o professor Osvaldo Coggiola, conhecido trotskista. O desprezo de Losurdo era evidente e teria sido importante desmascará-lo, o que não foi infelizmente o caso, o “dono” do pódio sendo demasiado educado... Losurdo é um especialista da história do liberalismo a partir do século XIX, autor de um estudo prolífico sobre Nietzsche, tudo isto com indiscutível valor acadêmico, mas um caluniador quase profissional. Fez um comentário odioso a respeito de Jean-Jacques Marie, autor de trabalhos históricos de grande relevância (biografia de Lenine, de Stalin, de Beria, da guerra civil russa etc.). Os Losurdo da vida têm ainda peso nas casas de edição, por exemplo.

Reconheço, entretanto, que este ostracismo se vai reduzindo. O próprio PCB (contrariamente a outras organizações que derivam do então Partidão, como o intragável PPS ou o PC do B), toma com frequência posições parecidas com as dos trotskistas, mas não o assume claramente. Leio nestes dias um artigo sobre o centésimo aniversário da expulsão de Trótski do Partido Comunista soviético, escrito por Max Altman na mídia Operamundi. Relato sóbrio, autêntico, que visivelmente não é o de um adepto de Trótski, mas suficientemente objetivo. Ora o autor é velho stalinista, eu o conheci bem quando de minhas primeiras aproximações com a esquerda. Era ele (com Goldman, então dirigente da juventude comunista na Escola Politécnica) um caçador de trotskista a mando da direção do PC. As coisas mudam...



### Em que medida o trotskismo sobrevive?

**VARGAFTIG:** Tudo é complicado. O trotskismo sobreviveu ao campo de concentração de Vorkuta, onde ficaram presos e morreram milhares de membros da oposição de esquerda, sobreviveu ao peso do stalinismo no movimento

operário. Na França, quando havia greves na Renault, uma fortaleza da CGT dominada então pelo PC, os trotskistas eram expulsos, espancados. Isto tudo mudou com a crise e a perda de potência e de relevância prática do stalinismo. Nosso mundo gosta de nomes simplificadores: assim o materialismo histórico e dialético virou marxismo, as aplicações do marxismo aos dias de hoje ou de ontem, podem ser chamadas de trotskismo... Isto significa que acredito que a versão mais segura do marxismo é o que alguns chamam de trotskismo. Marx já dizia que ele não era marxista, no sentido que não seguia um indivíduo; este é o caso dos “trotskistas” que globalmente seguem os ensinamentos de Trótski, mas não compartilham com os stalinistas do chamado culto da personalidade, forma primitiva e acrítica do pensamento.

Agora, se a pergunta diz respeito às organizações trotskistas, a resposta implica em mais nuances. Não há regra histórica absoluta que garanta que as organizações que têm razão num certo momento – evidentemente, é o que penso do trotskismo atual – sobrevivam e se desenvolvam. Depende de muita coisa, neste momento de sua capacidade de congregar e se associar à vanguarda e de formular um programa dito de transição, que associe medidas imediatas (aumento salariais, liberdades sindicais e políticas etc.) com medidas ditas de transição, que conduzem, mas não garantem-no, ao socialismo (monopólio do comércio exterior, controle operário em situações críticas etc.). Ter a capacidade de fazer isto e muito mais, não assegurará a persistência de uma dada organização, mas permitirá o crescimento de um conglomerado político. Ganhará para a história e para a classe quem souber combinar habilidade política com princípios políticos e de ação.